

Às Gerações Futuras



Coleção Memória das Lutas Populares,  
Volume I

# Às Gerações Futuras

Poesias Inéditas de  
Emmanuel Bezerra dos Santos

Organização:  
Ponto de Cultura Tecido Cultural  
Equipe CENARTE / CDHMP

Homenagem aos 15 anos da DHnet  
Rede Direitos Humanos e Cultura  
[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)



Às Gerações Futuras © 2010 - Natal/RN  
Coleção Memória das Lutas Populares, Volume I  
Homenagem aos 15 da DHnet Rede Direitos  
Humanos e Cultura www.dhnet.org.br

Capa: Venâncio Pinheiro  
Projeto Gráfico: Alessandro Amaral  
Revisão: Aluizio Matias dos Santos  
Digitação: Augusto Matias B. O. Santos  
Arte Finalização: Hugnelma de Almeida  
Impressão: Manoel André  
Montagem: Maria Rosimar e José Guedes Belo  
Perfilamento: Lúcio Dantas  
Atendimento: Márcia Maria e Luís Gonzaga  
Fotomontagem: Baltazar Januário  
Impressão: Gráfica Manimbu-FJA

Catálogo Fonte: Biblioteca Pública Câmara Cascudo

G354 As gerações futuras - poesias inéditas de Emanuel Bezerra dos Santos./Ponto de Cultura Tecido Cultural. Equipe CENARTE/CDHMP. (org.) - Natal(RN) : DHnet, 2010. 52 p. (Coleção Memória das Lutas Populares, v.1)

Homenagem aos 15 anos da DHnet.

I. Poesia brasileira. I. Santos, Emmanuel Bezerra dos. II Coleção. III. Ponto de Cultura Tecido Cultural (org.)

2010/03

CDD B869.I

CDU 869.0(81)-I

## Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
O pássaro preso na gaiola	15
A hora do adeus	17
Regresso	19
Uma manhã na terra	21
Dezesseis Primaveras	23
Quem sou eu	25
Vitória	27
Caiçara	29
A perda de um ninho	31
Sonhador	33
Tu és	35

Para alguém que dirá com saudades quando vier	37
O Jovem Eu	39
Meu único amor	41
Pedido	43
O teu seio	45
Anexos	47
As Gerações Futuras	49
A Las Geraciones Futuras	51

## Prefácio

---

Falar de Emanuel Bezerra é quase uma catarse histórica. Conheci-o em meados dos anos sessenta, ao chegar à Casa do Estudante após cinco anos de internato no Colégio Diocesano Seridoense. Nossa primeira convivência se deu na eleição para o Grêmio da Casa. As primeiras lembranças dele, me levam ao rapaz magro e feio, testudo e de pele estragada, sentado na parte inferior de um beliche, escrevendo versos e comentários sobre os textos da Revista Civilização Brasileira. Não nos demos muito bem, de início. Com meu jeito falastrão, zoadento e intrometido, eu perturbava suas reflexões. Ele não escondia o desgosto das minhas visitas ao seu quarto.

Passado o tempo, fomos nos conhecendo melhor. E nos tornamos grandes amigos. Quando ele foi eleito Presidente da Casa do Estudante, convidou-me para ser o diretor cultural da Casa. Nossa gestão substituiu a do Presidente Kerginaldo Rocha, grande figura humana que Alexandria presenteou à humanidade. Na sucessão de

Emmanuel, eu fui candidato único. Mas o Exército interveio e me prendeu, impedindo as eleições.

Ao me enfrontar na leitura de marxistas, Emmanuel passou a me assediar politicamente. E foi ele quem me recrutou para o PCR. E me apresentou a Manoel Lisboa, o Galego, alagoano fundador do Partido. No livro “A Vida e a Luta do Comunista Manoel Lisboa”, o narrador conta, pg.16, que Emmanuel foi preso pela polícia internacional na fronteira da Argentina com o Chile. E confirma o que todos sabem: Que Emmanuel foi morto sob a mais brutal e requintada tortura das que se têm notícia. Ele, Manoel Lisboa, Mário Alves, Luiz Maranhão, Manoel Aleixo e muitos outros que foram assassinados lentamente, tendo partes do corpo arrancadas ainda em vida. Neste mesmo livro, na página 73, há uma referência de Leonardo Cavalcanti a minha pessoa. Ele declara que conheceu por meu intermédio o militante do PCR Jaime Ariston, e que Jaime o levou até Manoel Lisboa.

E é verdade. Tivemos um “ponto” numa pracinha do Recife, do “Chora menino”,



nas proximidades da Ilha do Leite, Manoel Lisboa, Emmanuel Bezerra, Jaime Ariston e eu. Foi a última vez que vi Emmanuel. Manoel Lisboa eu ainda vi uma vez, em Natal. E Ariston sempre me visitava quando vinha a Natal, já morta a ditadura. Foi nesse dia, da Ilha do Leite, que apresentei Ariston a Leonardo Cavalcanti.

Eu nunca havia escrito sobre essa reunião, que desaguou no meu desligamento do Partido. O PCR entendia que o Movimento Estudantil era apenas um fornecedor de quadros para a organização revolucionária. E que sua ação chegara a termo e ao cansaço. Percebida a minha insegurança quanto ao sucesso da luta armada, não havia mais condições de minha permanência na organização. O rompimento foi amigável. E eu continuo admirador de Emmanuel, Ariston, Lisboa e Leonardo. Do PCR e do nosso “adversário” PCBR, de Luciano Almeida e Juliano Siqueira. Não fosse a estupidez da ditadura e sua violenta reação desproporcional, poderia dizer que aqueles foram uns tempos de poesia. Até do lirismo dos versos adolescente de Emmanuel. Mas foi “um tempo

sem sol...de se comer a comida no meio da batalha” ... “E tanta coisa por fazer”, versos de um poema já maduro de Emmanuel Bezerra.

Obrigado aos montadores dessa ação de resgate dos poemas inéditos de Emmanuel, pássaro que se soltou da prisão de sua cidadezinha para quebrar as grades do mundo, e este lhe abraçou com a morte mais cruel e desumana. Emmanuel Vive!

François Silvestre  
Advogado e escritor  
contemporâneo de Emmanuel

## Apresentação

---

Com esta homenagem à memória do grande militante Emmanuel Bezerra dos Santos, o Centro de Direitos Humanos e Memória Popular-CDHMP inicia a Coleção Memória das Lutas Potiguares. Nesta primeira edição histórica estamos publicando os poemas inéditos de Emmanuel Bezerra tendo como parceiros fundamentais a Fundação José Augusto, o CENARTE – Centro de Estudos, Pesquisa e Ação Cultural, a DHnet – Rede de Direitos Humanos e Cultura e o Ponto de Cultura Tecido Cultural.

Começar com Emmanuel Bezerra esta relevante Coleção de Memória Histórica demonstra a preocupação de uma das missões do CDHMP que é contribuir para o resgate da memória colocando a disposição do público, informações e documentos para estudo e conhecimento de fatos históricos acontecidos no Mundo, no Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido estaremos proporcionando reflexões acerca de nossa memória histórica, resgatando situações

culturais, fatos, valores e personagens que contribuíram para a construção da vida cultural e política.

Sendo assim a publicação das poesias de Emmanuel Bezerra revelam a sensibilidade e um momento lírico desse aguerrido militante social que junto com seus companheiros de época lutou fortemente por uma sociedade livre, justa e igualitária.

Roberto Monte e  
Aluizio Matias dos Santos  
CDHMP/CENARTE



Emmanuel Bezerra aperta a  
mão de Ademir Ribeiro



## O pássaro preso na gaiola

---

O pássaro preso na gaiola  
Na gaiola que é o mundo  
Voar além quisera além no espaço  
Além dos céus,  
Além da vida, da mente e dos fracassos  
Voar além... além...  
E nunca em meio,  
Ser livre como o vento.  
Não ter freio  
E cantar  
Cantar , cantar  
Diversos cantos imortais,  
Cantos de outras eras  
É o poeta este pássaro.





## A hora do adeus

---

Agora que anoitece o sol se esconde  
O adeus da despedida breve faço  
A praia querida recebe o meu abraço  
E a nossa amizade mais e mais se fronde

Adeus terra querida! Que a partida  
Me espera e comovida embora triste  
Parto e te deixo assim como já viste  
Triste tão triste nesta triste vida

Adeus meu pedaço de céu puro  
Cidade mãe que de berço me serviu  
Parto mas sinto o que Jesus sentiu

Ao ser crucificado eu juro  
Sofro tanto com o sofrer misturo  
A pura alegria de um sentimento puro



## Regresso

---

Minha terra me espera e tão contente  
Regresso aquela vila mui saudoso!  
Que seja meu regresso glorioso  
Que gloriosa é toda aquela gente

Podem dizer que sou louco que é doídice  
Todo esse meu pensar chorar sofrer  
Pouco importa o que o povo diz ou disse

Minhas horas meus minutos meus segundos  
Meu coração meus pensamentos minha vida  
Tu és meu amor



## Uma manhã na terra

---

Um nevoeiro cobre o céu de Março  
A aurora da manhã surge sã e divina  
Lá nos campos a gélida neblina  
Cai em leve ritmo e leve compasso

Areia branca que do chão deriva  
Na suave brisa desfalece e gela  
A singela árvore que deriva a bela  
Fruta silvestre dela então se priva

O mar sereno rumoreja e canta  
Inda se levanta uma leve vaga  
Com doce encanto o pescador afaga  
O lindo peixe a lhe servir de janta

Na beira da praia onde quebra a vaga  
Multicores peixes repentina vão  
As céleres gaivotas ligeiras dão  
Um vôo celeste que a neblina apaga

O galo canta com a voz que encanta  
Suave canto do feliz cantor  
A manhã airosa como um mar de flor  
Devagar levanta o seu véu de santa



## Dezesseis Primaveras

---

Tal qual sobre as asas da gaivota  
Em rápida evolar em doce lida  
Também os anos que o tempo anota  
Céleres passam pela doce vida

Dezesseis primaveras é o tempo  
Que assim passa como passa a vida  
Foram em meu coração uma guarida  
De amor e de bondade e de contente

Passam os anos como passam os ventos  
E sigo bem feliz minha rotina  
Como o vento passa a mais divina

Hora da vida e brando acento  
Passa o vento da manhã suave e lento  
Que tudo passa como passa o vento





## Quem sou eu

---

Quem sou eu? Quem sou eu? Meu eu repete  
Em louco alvoroço em louca lida  
Quem sou eu? Quem sou eu? A mim compete  
Responder a pergunta repetida

Mas como responder se nesta vida  
Eu não sei onde vou onde me levam  
Essa treva obscura que convida  
A penetrar mais e mais dentro da treva!

Como cego enfim vou caminhando  
Nesse caminho áspero e escuro;  
Tanto mais as tontas vou andando  
Quanto mais caminhando vê procuro

Como louco vagando sem governo  
Sigo... sigo, sempre e sempre  
No mar da vida ao léu, mas de repente  
Em fúria sobre mim cai o inverno

Cai o inverno em fúria e tempestade  
Meu Deus, meu Deus onde irei? E nada  
Que ouço na triste madrugada  
Responda-me meu Deus por caridade

Quem será que fala e que exclama  
Em alta voz! E que consolo pede  
Adeus e Deus não lhe concede?  
É minha voz perdida que reclama

Que chora murmura, grita e clama  
Desgarradas das vozes cá do mundo  
E aquela que do pélago profundo  
Inda vibra, inda pede, inda se inflama

Como nada me responde  
Nada a dizer então fico calado  
Deixo ao mistério o mistério atado  
E não respondo ao que minha alma brada

Não me culpo oh! Eu insatisfeito  
De não responder-te em nada influi  
Uma resposta em tom tão imperfeito  
Olhai meu eu, eu sou quem sempre fui

## Vitória

---

Nas tristes horas de padecimento  
Vocíferas em desesperados tons  
O meu cérebro exaltando os muitos dons  
Que algum sairá do esquecimento

Enfrentando batalhas aterradoras  
Meu espírito clama por vitória  
Quer que eu venha possuir a glória  
Almejada por mim em bravas horas

Meu coração meus olhos meus mínimos  
pensamentos  
Expressam a retumbância da palavra glória  
Para terminar os meus tormentos

Qualquer voz vinda do além  
Que pronuncie a palavra vitória  
Minha boca acrescenta amém



## Caiçara

---

Ficcionando minha terra um deserto de Saara  
Ao ver da bela praia as rutilas areias  
Imagino ouvir o canto da sereia  
Que se perde longínquo em Caiçara

O que importa realmente é viver  
Sublimado na esperança alegre ou triste  
De manhã vila saudosa! Eu te rever



## A perda de um ninho

---

O dia está escuro como a noite  
Resvalam nevoeiro na amplidão  
E o vento frio num gelado açoite  
Penetra dentro de meu coração

Ontem sorria já não mais sorrio  
Ontem cantava já não canto mais  
Apertando os lençóis contra este frio  
Revejo o balançar dos coqueirais

Minha terra distante é como um ninho  
É como um ninho quente que oferece  
Guarida ao triste passarinho

Que triste evola sobre o frio que cresce  
Então eu penso ser o passarinho  
Que chora a perda de seu ninho agreste





## Sonhador

---

Sonhador! Sonhador! Teu mundo é louro  
Tem encantos sutis e tem venturas  
Tem meiguice amores e tesouros,  
Tem paixões tem vitórias e bravuras

Nos teus sonhos não vês as desventuras  
Da vida amarga e os desdém da gente  
Colocas teus amores nas alturas  
E as desventuras passam e tu não sente

És feliz, és feliz e o teu caminho  
Será sempre de flores bem florida  
Nunca nas lutas estarás sozinho



## Tu és

---

Tu és o meu anjo a senhora do meu mundo  
És a razão do meu viver, és o meu céu  
És minhas noites de luar, és minha lua  
És minha inspiração, és tudo para mim

Teu sorriso é o meu bálsamo meu encanto  
Meu alívio nas horas tristes de melancolia  
É a bandeira de minha luta, é por quem  
morro  
É minha aurora, minha luz e meu tesouro

Teus cabelos fios dourados dos meus sonhos  
São as fimbrias dos horizontes ao afago dos  
meus dedos  
São os rutilos raios do meu sol de amor  
São o símbolo de tua beleza, de teu encanto  
de anjo

Os teus olhos! Os teus olhos! Tem beleza  
De noite de estrela de anjos a cantar  
Tem carícia do veludo e a luz do sol  
Mas tem o brilho macio de lua cheia

Tu és minha querida enfim meus dias



Para alguém que dirá com saudades  
quando vier

---

Minha mente examina se debate  
Por querer em massa exará  
Toda a beleza que aqui ficar

Esta beleza que me abate  
Faz com que eu fique ao sabor de um  
vendaval  
Dilacera o meu coração hoje que parto de  
minha terra natal



## O Jovem Eu

---

Um olhar partido como um estrondo  
Nas cruéis desventuras nas vis sortes  
É o cruel vazio são as torpes  
Curvas das misérias imunda do mundo

Vê-se um jovem com um triste olhar  
Nos seus pensamentos está pensando  
Apesar de tudo está se deleitando  
Nas dificuldades que a vida lhe dar

Este jovem a vida vive bem  
Confortado na imortal esperança  
De algum dia ser chamado alguém

Seu nome imortal ficara no coração meu  
Para a perplexidade de alguém que me ouça  
Chamarei este jovem de eu





## Meu único amor

---

Minha mãe que sempre sempre conheci  
Viveu ao meu lado toda a minha infância  
Embalava-me sussurrava baixinho  
Dorme meu filho dorme minha criança

Este amor classifico meu único amor  
Pois é indissolúvel inacabável  
Não é como os amores banais que por ai passam  
Não é covarde não retrocede é inabalável

Todos amores que em mim pousaram  
Como pássaros nômades não ficharam-se  
nem os reconheci com ardor  
Sentindo uma necessidade inebriante proclamo  
É minha mãe meu único amor



## Pedido

---

Meu Deus conservai no mundo  
O que eu mais quero  
Sou pecador bem sei porém  
Com o coração ardendo em fogo vos peço  
Minha mãe é a lâmpada  
Que me guia nas tristezas  
Me dá alegria é tudo  
Que me peito encerra  
Na minha luta pela sobrevivência na terra  
Minha alma vagando soluça sem parar  
Meu cérebro muitas vezes obscurecido  
Teu coração não cabe aqui na terra  
No entanto mãe teu coração aqui está  
Mãe eu que direi Tu és  
Mãe és Mãe



## O teu seio

---

O teu seio... o teu seio, o seio ardente  
Que palpita constante e em tal doçura  
Faz-me te amar e a tua formosura  
Deseja-la prá mim, prá mim somente

O tremor o gemer do seio quente  
Que o meu olhar desejoso em ti procura  
É um suspiro da alma de brandura  
Que alimenta este fogo em mim crescente

Ah! Eu quisera por ti amado  
Pôr o meu lábio em teu rosado  
Gozar-te em fim, oh! anjo meigo e santo

Quisera adormecer encobertado  
Em teus cabelos louros abraçado  
Em teu mimoso seio que cheira, tanto



# Anexos





## Às Gerações Futuras

---

Eu vos contemplo  
Da face oculta das coisas.  
Meus desejos são inconclusos,  
Minhas noites sem remorsos.

Eu vos contemplo,  
Pelas grades insensíveis.  
Meu sonho,  
É uma grande rosa.  
Minha poesia,  
Luta.

Eu vos contemplo,  
Da virtual extremidade.  
Minha vida (pela vossa).  
Meu amor,  
Vos liberta.

Eu vos contemplo  
Da própria contingência.  
Mas minha força  
É imbatível  
Porque estais  
À espera.

Eu vos contemplo  
Do fogo da batalha.  
Meus soldados  
Não se rendem.  
O outro dia  
Chegará.

Eu vos contemplo  
Gerações futuras,  
Herdeiros da paz e do trabalho.  
As grades esmaecem  
Ante o meu contemplar.

Emmanuel Bezerra dos Santos  
Base Naval de Natal/1969

## A Las Generaciones Futuras

---

Yo os contemplo  
De la face oculta de las cosas  
Mis deseos son inconclusos  
Mis noches sin remordimientos

Yo os contemplo  
Por las rejas insensibles  
Mi sueño  
Es una grande rosa  
Mi poesía  
Lucha

Yo os contemplo  
De la virtual extremidad  
Mi vida (por la vuestra)  
Mi amor os liberta

Yo os contemplo  
De la propia contingencia  
Pero mi fuerza  
Es imbatible  
Porque estás  
A la espera

Yo os contemplo  
Del fuego de la batalla  
Mis soldados no se rinden  
El otro día llegará

Yo os contemplo generaciones futuras  
Herederos de la paz y del trabajo  
Las rejas se conmueven  
Ante mi contemplar

Emmanuel Bezerra dos Santos  
Base Naval de Natal/ 1969

Tradução: Eugênio Pacheco, direto dos  
Andes



